

## Resumo do Discurso do Academico Arthur de Salles

Dissestes bem, meu novo e eminente confrade, do gesto bom desta Academia que vos acolheu no seu seio: como justiça que lhe andava a cair das mãos e não como recompensa dos vinte annos de vida sonora com que enaltecestes o vosso nome, a vossa terra e a vossa geração. Ella sim, a Academia, que ficou recompensada deste mister, deste labor de sustentardes na velha cidade, assentada sobre as suas motanhas legendarias, a chamma perenne da intelligencia, do sonho e da belleza, como aquellas vestaes romanas, vigilantes do jogo sagrado nos altares do templo do povo dominador.

Foi vossa modestia, refugindo sempre ao chamado de vossos amigos que demorou vossa entrada neste gremio onde nunca fostes estranho. Um dos seus patronos tem o vosso nome e é de vossa linhagem: aquelle soberbo poeta dos *Louros e Myrtos* que, poderíamos chamar, no conceito do Sr. Afranio Peixoto, de castrida, talvez do ultimo castrida, cuja imaginação foi, como elle o disse de Carlos Gomes,

esplendida effusão da natureza em festa  
transbordamento azul do americano céu

e cuja lyra, como um sol poente, despediu sobre a terra brasileira os ultimos fulgores do romantismo, os derradeiros flamejamentos do condoreirismo.

E se me é dado evocar, se é dado crer na presença invisivel dos que estão nessa região do Alem, creio que o espirito do poeta



da *Orientalis Visio* aqui está risonho e feliz nesta hora em que vos coroamos com as rosas dos vossos versos.

.....

Fizestes passar diante dos nossos olhos as figuras dos grandes poetas, de Homero, o poeta das heroicidades, a Shakspeare, o poeta do coração e da alma, de modo que esta sala se encheu da luz e do esplendor desses pharões eternos. Dissestes tanto da poesia, do seu poder, da sua força fecunda entre os homens e os povos que ainda estamos a sorver o vinho da belleza e da graça e a rever, na phrase desses philosophos e desses poetas, perquiridores da verdade, escaphandristas do sentimento, os vossos proprios anseios, a vossa propria alma e a vossa propria terra. Fizestes assim, sem que o quizesseis, pensar na vida espiritual do Brasil, neste dominio da poesia, em que elle tem de affirmar a sua individualidade no convivio universal, como já projecta victoriosamente a sua sombra no seio das assembléas politicas e scientificas do mundo. Se as nossas forças economicas se intensificam dia a dia, se a natureza se desentranha a toda hora em novas fontes de riqueza, se as nossas tradições de heroismo não se desdouram, nem se apoucam do brilho antigo nos campos de batalha, em terra estranha, como hade a poesia, *crescer, crear, subir*, sem a seiva latejante da terra, sem reflectir nos seus rythmos a alma dos homens e das cousas, sem espelhar na trama dos seus poemas esse cunho, essa expressão propria, que, girando no concerto universal, não se confundem, não se perdem, antes fallam alto, num relevo vivo de realidade palpavel?

Ella, porém, nos apparece, ás vezes, como uma flôr vinda de um paiz frio, abrindo as petalas medrosas ao sol esbrazante dos tropicos, como assombrada da luz, como fugidiça do rumor das florestas, como espantada do rullo das cachoeiras, como espavorida do trôo dos rios e do marulho desta faixa do Atlantico onde dorme Moema, que encheu o berço da terra com o perfume pereone da lenda

No entanto, em nenhum paiz do mundo a poesia brota com tanta maravilha e tanto esplendor.

Em nenhum paiz da terra o alcandorado da epopéa se casa ao intenso do drama, ao sombrio da tragedia e ás delicadezas infinitas e diaphanas do lyrismo, Em nenhum trecho do planeta



ha maior somma de ineditismo, de rythmos ineditos, de vida inedita, themas e cousas ahí estão na tortura do ineditismo, palpitando pelo momento luminoso e creador da libertação.

Almas e cousas ahí estão como a floresta á espera do bandeirante que a desvende, como o ouro escondido, á espera do garimpeiro que o apresente ao mundo para embevecer os olhares do mundo.

Conheceis o Yrapurú, rouxinol das paludes da região amazonica, assombro do sabio, maravilha onde os rios tacteiam na ansia de estabilidade e a terra nos apparece mais formidavel nos periodos euclideanos. Elle é o Ariel daquelle mundo luminoso e tenebroso. E' manhã. A floresta canta, ruje, gorgeia, trilla, arruiha, pipila, assovia, gurincha, trina, crocica, esvoaça, rufla, guaya, esplendece e tatalas, rumureja e crespuscula.

Subito o Yrapurú põe-se a cantar. E o silencio se faz. A corruira cessa o galreio na ramaria rasteira. O gavião para o grito na extrema da sicupira secular. Como que os repteis detêm o rastejamento ondulante. E o canto sobe, cresce ante a passaraça espectante, amplia-se, toma conta da floresta e vae-se enroscando, como invisivel sipoal sonoro, pelos troncos, e rebentando lá em cima, nas comas, como uma flor agreste de sons, e descendendo e fluctuando, como outra estranha rosa que a Yara deixasse cair das tranças verdes na sua fuga apressada para o seu palacio.

Essa ave é bem o symbolo da poesia brasileira. Cantar assim, com um cantar differente, de modo que os outros cantores silenciem para ouvi-la cantar.

Sentiu-a o poeta maravilhoso em cuja cadeira vos assentaes. Em versos francezes Pethion de Villar universalizou a Yara e aquella Tulipa Negra em versos de quatorze syllabas, de um rythmo estranho, poderoso e bello.

Na hora presente em que a volta ás cousas nacionaes anda inspirando rythmos novos a uma pleiade de poetas, estes dous sonetos ficam dominando pela expressão e pela brasilidade.

Vós a sentistes tambem. Atravez das notas quentes do vosso lyrismo, dos sonetos parnasianos em que ainda surgem nymphas e deuses, ha muito dormidos nos sepulchros frios, salta clara e viva a nota brasileira. O verso tem um novo brilho. As rimas têm

irrequietismos passaraes. A natureza vem a nós com os seus encantos, suas graças, sua vida selvagem, suas próprias tristezas fecundas. Deixae que eu delicie os vossos confrades e este auditorio com a vossa poesia.

### CARDO

Em pleno agreste do sertão adusto.  
Abraza o sol. E' tudo ermo e silente,  
Turva, a pupilla deslumbrada, a custo  
Descobre o trilho no estendal candente.

Freme, estua, referve o atroz ambiente...  
No ardor da sêde, resequido arbusto  
Os braços ergue ao ceo surdo, inclemente,  
Agua implorando para o chão combusto.

Desdobram-se sem fim planicies rasas  
Em taboleiros aridos, maninhos...  
Não soam cantos, não palpitam asas.

È em meio a toda a natureza exangue  
O cardo mostra, roto dos espinhos,  
O rubro coração vertendo sangue.

Agora já não é a visão da terra abrazada, já não é o martyrio da terra exsicada gritando a sua dôr pela bocca muda de uma flôr: é a visão da terra selvagem, bella e rude, das tabas e das poracês. E' o Ypê, symbolo verde e ouro da terra.

Que insolito rumor! Findae este descante.  
Em meio á solidão dorme o ip é secular.  
Mudam-se as flores de ouro em prata rutilante  
A' claridade fria e saudosa do luar.

Dorme e, em sonhos, revê o passado distante:  
A iridi prostrada e supplice a invocar  
Pela voz dos pagés, em extase adorante,  
Do iracundo Tupan a bençam tutelar,



E se a noute é de inverno e, de subito, forte  
Das montanhas rolando, e temporal do norte  
A floresta sacode, o solitario ipé

Cuida ouvir no fragor da selva que braceja  
A pocema da guerra, o clamor da peleja,  
Os rugidos da inubia e os silvos do boré

Ora esse cardo, desabotoando sangrento no taboleiro ser-tancejo, esse ipé frondejando ao vento, tem mais vida e são mais bellos do que as faias zingarreadas das cigarras vergilianas, do que os alamos pelos valles da Arcadia e os platanos á beira do Illisus.

Em todo o vosso livro ha um largo sopro sadio de poesia brasileira. Nos versos da Terra Natal, da Palmeira e outros tantos affirmaes o vosso sentimento brasileiro.

No hymno á Terra Natal ha um fervor de brasilidade esvoaçando pelos alexandrinos. Brasilidade! Ella anda ahi malbaratada por uns tantos poetas desvairados que abandonando a rima e o metro não buscaram, dentro dos rythmos novos, surprehender as bellezas da terra e a alma da gente. Escolas, credos e cenaculos que nada edificam, desfazendo em prosaismos incolores o que já vem estuando na alma ansiosa de um punhado de moços. Brasilidade! Ella está ahi a pedir as nossas horas de inspiração, os nossos instantes de sonho, os nossos desejos de reconquista. Sim. Recônuistar o que se perdeu. Sacudir da nossa alma essa poesia revelha de deuses mortos, de paisagens gregas e de guerreiros romanos.

E porque trazeis bem largo este sentimento e bem forte e alta a vibração da vossa lyra é que esta casa, attenta ao renouamento da poesia nacional, vos envia os seus saudaes. No vosso poema da *Ascensão* dizeis em uma estrophe,

Em assomos viris meu ser transborda  
De nova seiva e de soberbo alento;  
E minha alma resôa, corda a corda,  
Qual bronzea lyra que tangesse o vento!



E se a noute é de inverno e, de subito, forte  
Das montanhas rolando, e temporal do norte  
A floresta sacode, o solitario ipé

Cuida ouvir no fragor da selva que braceja  
A pocema da guerra, o clamor da peleja,  
Os rugidos da inubia e os silvos do boré

Ora esse cardo, desabotoando sangrento no taboleiro ser-tanejo, esse ipé frondejando ao vento, tem mais vida e são mais bellos do que as faias zingarreadas das cigarras vergilianas, do que os alamos pelos valles da Arcadia e os platanos á beira do Illisus.

Em todo o vosso livro ha um largo sopro sadio de poesia brasileira. Nos versos da Terra Natal, da Palmeira e outros tantos affirmaes o vosso sentimento brasileiro.

No hymno á Terra Natal ha um fervor de brasilidade esvoaçando pelos alexandrinos. Brasilidade! Ella anda ahi malbaratada por uns tantos poetas desvairados que abandonando a rima e o metro não buscaram, dentro dos rythmos novos, surprehender as bellezas da terra e a alma da gente. Escolas, credos e cenaculos que nada edificam, desfazendo em prosaismos incolores o que já vem estuando na alma ansiosa de um punhado de moços. Brasilidade! Ella está ahi a pedir as nossas horas de inspiração, os nossos instantes de sonho, os nossos desejos de reconquista. Sim. Recônuistar o que se perdeu. Sacudir da nossa alma essa poesia revelha de deuses mortos, de paisagens gregas e de guerreiros romanos.

E porque trazeis bem largo este sentimento e bem forte e alta a vibração da vossa lyra é que esta casa, attenta ao renouamento da poesia nacional, vos envia os seus saudaes. No vosso poema da *Ascensão* dizeis em uma estrophe,

Em assomos viris meu ser transborda  
De nova seiva e de soberbo alento;  
E minha alma resôa, corda a corda,  
Qual bronzea lyra que tangesse o vento!

E' esta seiva nova, é este resôo largo da vossa alma que nos dão afé num lidador intemorato na luta pela ascenção cada vez mais alta da poesia brasileira.

Sêde benvindo. \*

---



R. Moraes.

Dessa, numa quantidade magnética, simultaneamente magrada, até esquecida de Juntos; os seus deuses chorados, pílidos, delirâncias do amor tristes do fronte a perigos pelo cárcere confuso de bruno, entrava pelo azul silencioso onde ha longos dias já, folheia as paginas amarelas do Sombra Pecunia. A' boca, acentua com çãd de hãra empunã, d'ãr de os contemplativos a sentir momentos quãos e silencios, os seus affectados, sonhos do Passado, casa-se a profunda sensaçã do livro felizãto que, a cada pagina volta da e lida, abe a mofeta que dá para um momento onde a mentalidade viva, por onde ha longos dias, tãda a novidade de d'ãr, outra beliz, tempo grande e gloriosa, vivente a vida magnifica e contãda os sonhos inimitães. Mais veis veis, e hãrãdo longo e fundo a alma e a vida de d'ãr e hãrãdo sensaçã: A Sombra Pecunia e o mangido vãto.

È hoje, o espírito mais em calma, o dia primeiro da minha volta à terra augusta do Juntos. Redigui-me inteiramente a ti, recorrei para este colloquio com a tua alma, sempre bella, sempre para veis de sero encanto e de intensa vida illuminada e fecunda - a grande fonte que o Deus abreu no meu Sabãra por que nos entãlla com na febre das lãdas Tãndras e nos labios de minhã alma, humilde maravilha da, para os fios torturante de ideias, de sonhos e de memórias toda d'ãr.



Quando das letras já deve citar de posse do teu livro, e de  
 do sentimento e idea do teu livro. Resultado da leitura,  
 se feita intelligentemente, com os preconceitos da lingua  
 tomos auctoridade, mais puramente todo novo, mais da lingua  
 natural nacional. Tinha logo, a primeira vista, a mancha  
 da guerra, a guerra, quanto a natureza do livro e em o que  
 mais se se mantem a natureza do teu estado nacional.  
 E a critica, o critico, tem diante de si: uma dessas orga-  
 nizações resultadas que quebram, não por um simples capri-  
 cho ou por um desejo de novidade, e bizarria, de novidade, in-  
 terior, mas por uma necessidade imperiosa do seu tempera-  
 mento, por uma ansia insubstituível de sua vida, as normas  
 e as formulas estabelecidas; não se aprofundar o pensamento  
 dominante na obra, que é uma fatalidade a que não pode  
 fugir a tua entranha. E sendo assim, a ideia, o sentimento,  
 toda a vida do livro, é se integra a vida em outras duas  
 naturezas ou se posteriormente attingir os fins de sua vida pela  
 criação de duas naturezas.

Abjocia, como a alma, evolue. E cada passo, a cada etapa,  
 a cada altura que o homem vive e vive a eterna permanência  
 da vida e da morte, ~~mas~~ mas um horizonte de tudo-  
 bra, mais um aspecto de vida, mais uma perspectiva  
 se dilata; e o Poeta o mais batido de seu desejo vive a vida  
 o que mais alto folha a seus sentimentos, o que mais fundo sente

a toda a história da vida humana mental dos nossos tempos, isto é a interpretação dos gestos de amor, mas no momento de escrever estas palavras, criando novas linguagens para exprimir o seu amor, novo, original para contar a sua própria história a sua própria história, mas os sentimentos dos próprios amores que se cercam, novas interpretações, novos modos de se falar mesmo nos seus pensamentos.

Comos nãos que se apresentam, mas todos que se encontram e os gestos, os ideis, os pensamentos que se tornam como nos verbos, ficam estenos, imprecisas e uma dos  
 < e os modos de tempo e não porque se deslocam por este ou aquela palavra, mas porque deslocam a vida em aquella formula, mas porque deixam as formas, as outras <sup>partes</sup> partes de Belluga, mas porque deixam as outras palavras e apressadamente de uma do mesmo uma intenção de mais a uma do, a um certo, a uma coisa.

Comos, será possível que toda a história de uma alma se caiba dentro de um aleacão avião ou que em aleacão avião seja o ultimo estado a sua forma chegar um pensamento, mas será, a morte de um corpo ou o decaimento de um espírito?

Virá a vida, da vida reduzida, ao perado, ao estado do medido ou a lei do "não passar daqui."

Definitivamente físicos do mundo alargam-se: o telescópio do espaço e a terra percebida no seu entranhas, o mar pulcado nos seus horizontes, a vida retratada nos seus instantes vibra-



com. E a vida de lá, em no círculos de vida a uma constante  
 propagação de verdades, no grande Cosmos, há de a Prussia ficar  
 muda e cega. Lá se ficam a respeito do seu engessado, nome  
 Ephesia, com todos a uma canção de morte e de tristeza!  
 Toda essa realidade, não lhe botou maluma, mas lhe deu  
 um mais longo vida de vida, mas lhe acordou um  
 novo canto, mas lhe gerou novas energias, mas lhe abriu um  
 futuro, um novo dos olhos para ver mais longe?

x

É que triunpha nas tuas paginas. O tempo de esse calor  
 da Belliza, a tua vida, fúndia e longa da vida, tua sonha,  
 teu grito, tua ansia de solidão e de triste, teu espírito  
 livre, revoltado, livre diante da vida e da natureza por  
 melhor perceber o seu aspecto, para melhor beber o  
 mundo e o céu, para melhor, toda a magnífica  
 floração de tua alma - tudo ali está, em um só  
 canto, novo, um ritmo que o olho e o ouvido e a alma  
 bebem, vivem, com um suspiro novo e com uma nova  
 vida. Toda a gestos heroicos de tua alma estão ali nas tuas  
 paginas, limpas, transparentes, e por ellas, com alças, clareza  
 e perfume, mesmo até as curvas do teu sentimento,  
 nome-a, etapa a etapa, a trajetória de tua Estética.  
 E um ritmo que a crítica espartilhada e gótica  
 do arido, do zaharico, telug repulca por incompreensíveis

5

não é que se mais suggestivo, se mais bello tem a poesia lírica.  
 Além e' mais imitação dos poetas, francezes mais ou  
 menos, uns da lida dos poetas, se oprimidos. Outros liros  
 triumphando em grande numero della, por' que te percahi de  
 afigura sem outro costume de que o teu, sem outra medida  
 que a tua propria moderação de projetos me toda a tua obra  
 a tua moderação e de modicidade.

A tua reflectiva confirmação era a tua de se devesse de  
 cas: mas allora do verso lirico, e' o verso de um lirico, cujo  
 mal comportando uma variedade de rythmos, cujo enca-  
 deamento produz uma poesia magnifica, que se he  
 um que devesse como o lirico, poderosa, a tua. Fluminense.  
 Bem te os que nos offerecem os viretos generos dos de  
 melhora com o recesso covarde de offender os viretos  
 tradiçoes de uma escola, de uma seita, de um do  
 os seus vãos, offendendo a sua vida propria, destruindo  
 do no silencio criminoso a força creadora, como me  
 condos que voluntariamente se encerra e se nunca  
 gais la, onde os seus afos, deis ras de aguas e de infirmitas  
 perdamos a gloria dos <sup>virtuos</sup> para ficarem no terra al-  
 ra dos cartejamentos e dos vojos.

Daqui, da tua da amada, eu te saído, com a alma co-  
 da de contentos e o coração repleto de cantos. Eu  
 te saído com um nome do meu Louco, de um ha Esperanca,  
 nunca vacillante, nunca de crente da tua victoria, da tua



Flammarion.

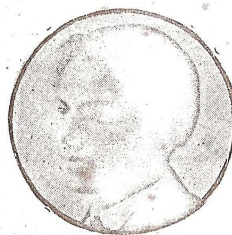
Este livro que é o primeiro livro publicado na estada de  
 tempo em França, artística e uma das mais bellas e  
 interessantes paginas da minha vida de. Não  
 surgiu quasi todo do teu espirito, os outros de S. Paulo  
 na solidão em que gemeste incomprehendido e  
 desolado, atirando a alma a páiza pelas das torres e  
 muros verde e ouro das tuas estrophas. Dahi uma  
 nota vivamente pessoal da maior parte do livro  
 é o Signus, e o Valle das Esmeraldas, e a collina das  
 Encinas, onde peccaste a tua alma e a tua triptega  
 orlão e o teu e S. Paulo.  
 Ah, excedente, ali são magnificaste a poesia humana  
 com "Terra e Dor" com a "Mellina" e uma pagina  
 maravilhosa do "Vivado das Velas".

Se ainda houver entimeto artistico, se ainda houver  
 quembra diante de uma pagina, quem estremeço as  
 ler uma vez, esta "Sombra Secunda" ficará radian-  
 do nos almas de elegias e refugios nas bellas malio-  
 nals.

Abeus.

Ju. Lacer

Bahia - 25 e 26 de Junho 913.



# ISAURA

VERSOS DE PAULO ALBERTO

Nunca te esqueça, querida,  
Que toda a Lei do Senhor  
Foi por Jesus resumida  
Numa só palavra-Amor.

*Just Peltingo*

COM UMA CARTA DO POETA ARTHUR DE SALLES

BAHIA-1923-Tyf. do Povo  
Rua Silveira Jardim, 58



037



V-155, 4, 24 235



B869.1

h.x.d

MEU CARO PAULO ALBERTO :

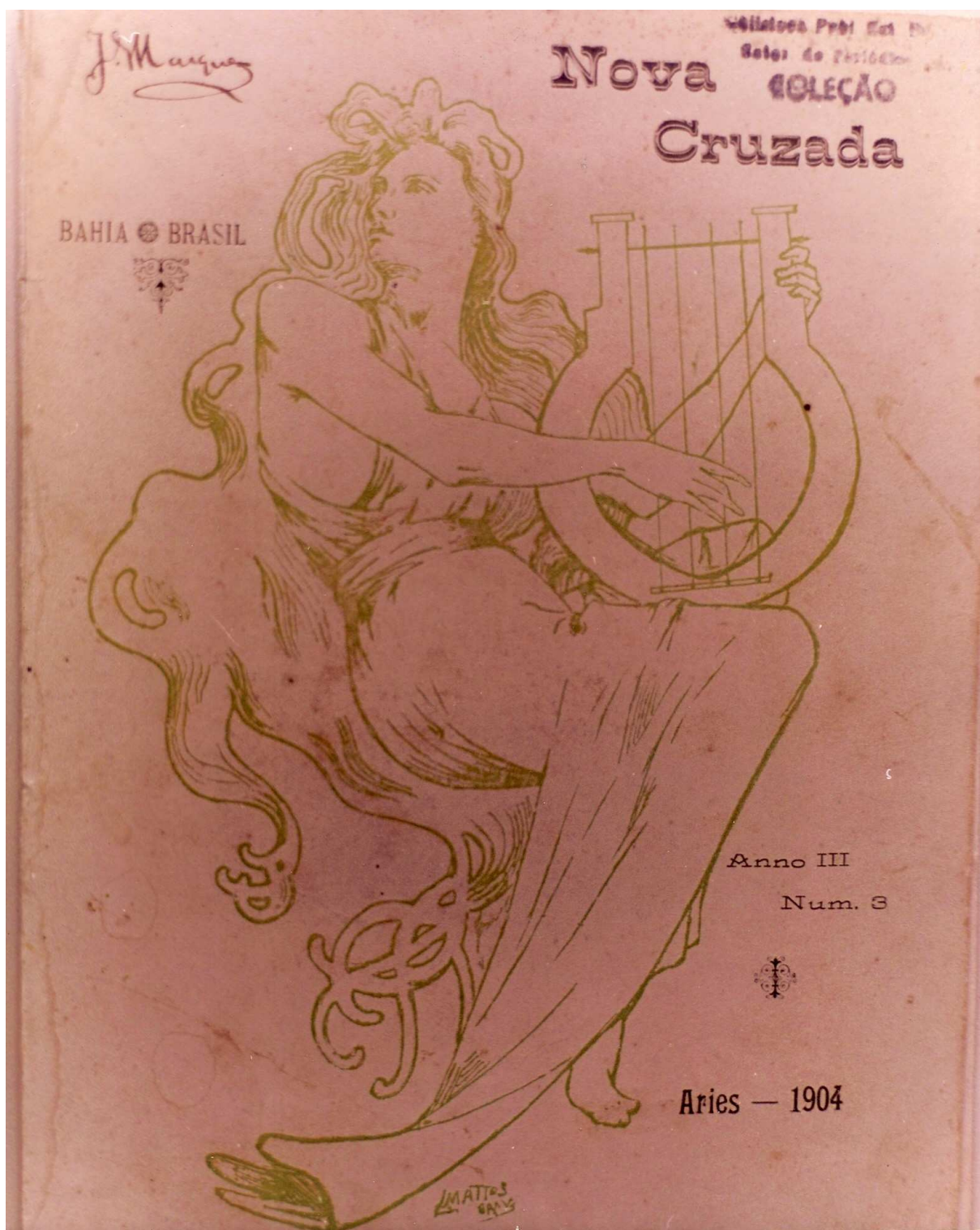
Teus versos naturais, espontaneos, todos do coração, todos da alma, são um punhado de flores que dás á tua eleita. Nestas estrophes quizeste ser somente o poeta do amor, o cantor dos encantos, das graças da mulher escolhida pelo teu coração para a vida do lar. No entanto, sente-se que com o estudo, a leitura dos mestres, o teu estro se alargará, tomará novas azas, novos rythmos. Teus versos teem vibração, espontaneidade e flexibilidade. Alguns denunciam um poeta lyrico de um lyrismo suave e encantador. Elles são, em summa, os teus versos, a risonha promessa de um bello poeta.

Teu

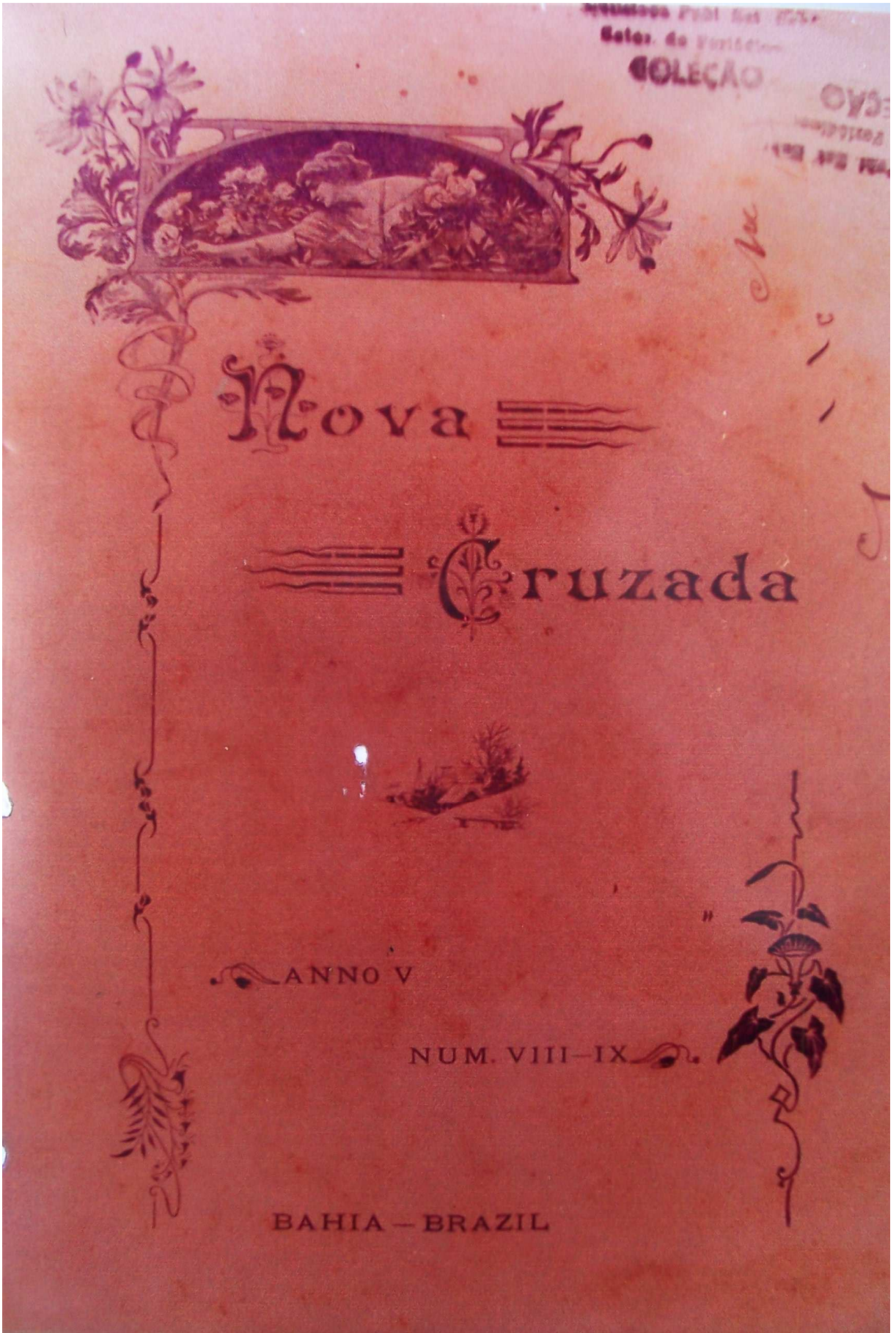
ARTHUR DE SALLES

Bahia, 14 de Setembro de 1923

PR-EP-IM-037-0442









ANNO I

OUTUBRO DE 1911

NUM. 7

# OS ANNAES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

BAHIA

BRAZIL

## SUMARIO

1. Retrato de Durval de Moraes - o mais recente da actual geração Bahiana.
2. Durval de Moraes - R.
3. Discurso de recepção a Durval de Moraes - Arthur de Sallen.
4. Horas - Conferencia Literaria - Durval de Moraes.



DURVAL DE MORAES

Director Proprietario - Karlot Weber - Bahia - Brazil







REVISTA  
DA  
Academia de Letras da Bahia

DIRECTOR — ALFREDO PIMENTEL

VOLUME X

Dedicado às Comemorações  
DO  
CENTENÁRIO DE CASTRO ALVES

